

CORPO COMO DISPOSITIVO DE IDENTIDADE NA ARTE PERFORMÁTICA DRAG: UMA ANÁLISE DOS FIGURINOS DE “A QUEDA”

Body as an identity device in drag performance art: an analysis of the costumes of “A QUEDA”

Sousa, Caio Melo de; Graduando em Design-Moda; Universidade Federal do Ceará,
caiomeelloo@alu.ufc.br

Sousa, Maria Eduarda Silva de; Graduanda em Design-Moda; Universidade Federal do Ceará,
eduarda.sousa@alu.ufc.br

Abreu, Lucas da Silva; Graduando em Design-Moda; Universidade Federal do Ceará,
luhsabreu@hotmail.com

Grupo de Educação Tutorial - PET Moda UFC

Resumo: Atualmente, corpos que antes viviam no escuro vêm ganhando cada vez mais espaço no campo midiático e da moda. Tal cenário abre espaço para reflexões a respeito da interação entre corpo, identidade e moda. E diante desse propósito, esse trabalho se propõe em reconhecer a relevância do corpo e o figurino como ferramenta identitária e artística na performance *drag* no videoclipe “A queda” de Daniel Garcia, mais conhecido como Gloria Groove.


Palavras-chave: Corpo. Identidade e Performance.

Abstract: *Currently, bodies that used to live in the dark have been gaining more and more space in the media and fashion field. Such a scenario opens space for reflections about the interaction between body, identity and fashion. Given this purpose, this work proposes to recognize the relevance of the body and the costume as an identity and artistic tool in the drag performance in the music video "The Fall" by Daniel Garcia, better known as Gloria Groove.*

Keywords: *Body, Identity and Performance.*

Introdução

As relações estabelecidas em corpo, performance e moda vem ganhando enfoque com as diversas produções de artistas no mundo todo, expressa cada vez mais nas mídias digitais. A utilização desses meios digitais, é abordado por Araújo e Hildebrand (2012) que “no âmbito artístico-cultural, existe um enorme potencial na aplicação de dispositivos móveis para conectar, ampliar e complementar



informações e locais físicos”. Além de que, a individualidade é reconhecida como parte da identidade coletiva e por meio das narrativas, passaram a ser um tema com enormes possibilidades criativas.

Neste novo cenário de fenômenos comportamentais e midiáticos, as *drags queens* ganharam notoriedade. Observa-se dentro deste contexto, o aparecimento de figuras oriundas do ambiente digital indo ao encontro das formas de explorar performance. Isso é exemplificado com o trabalho de Daniel Garcia Felicione Napoleão, mais conhecido por seu nome artístico Gloria Groove, sua carreira musical iniciou musical em 2016 com o seu primeiro lançamento, nomeado como “Dona”, considerado um “estouro” na mídia. Em 2021, aconteceu o lançamento do álbum “Lady Leste”, com o grande sucesso “A Queda”, aqui nesse estudo abordado. Assim, Araújo e Hildebrand (2012) vão pontuar levando em consideração o alcance do público que as formas de criatividade podem ser aplicadas neste contexto tecnológico e social são enormes e ainda há muito para ser explorado, experimentado e criado.


As performances podem dialogar com tradições já consolidadas, mas é frequente o rompimento da lógica hegemônica. Nesse sentido, para Butler (1990) vai falar que a performance *drag* brinca com a distinção entre anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Dessa forma, a performance *drag* é usada para explicar a performance que todos realizam, sendo ela totalmente construída a partir de um gênero que “queremos”.

Esses novos diálogos permitem pensarmos os modos como as produções audiovisuais são capazes de configurar um campo de estudo para a análise de práticas estéticas, políticas, culturais e identitárias. Sendo esse presente trabalho uma continuidade ao debate dessa temática, para isso, foi utilizada a metodologia de natureza qualitativa, descritiva, com base bibliográfica e documental.

1 Teoria *Queer* na perspectiva de performatividade

A Teoria *Queer*, começa segundo Louro (2001, p.546), a ser articuladas como a produção de um grupo de intelectuais que em meados dos anos 1990, que passam a utilizar este termo para descrever seus trabalhos e sua perspectiva teórica. Sendo sua origem nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero (MISKOLCI, 2009, p.150).

O conceito de *queer* pode ser compreendido como o estudo daqueles conhecimentos e práticas sociais que organizam a “sociedade” como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou



homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais (Seidman, 1996, p.13). Dessa forma, Butler (2013, p.216) afirma que esse “modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido, é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável”. Nesse caso é imprescindível pensarmos sobre o conceito de performatividade, que para a filosofia da autora, dentro da perspectiva *queer*, “a performance é realizada com o objetivo estratégico em manter o gênero em sua estrutura binária - um objeto que não pode ser atribuído ao sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito”.


Embora a Teoria *Queer* tenha como foco o campo de estudo do desejo e da sexualidade, a mesma permitiu-nos que se ampliassem os estudos para compreender as diversas articulações no âmbito das práticas sociais. Daí interpretações contemporâneas *queer* como uma resposta crítica à globalização e aos modelos norte-americanos de identidade sexual hetero, mas também do feminismo liberal e da cultura gay integracionista (PRECIADO, 2007, p.387).

2 Identidade e moda

As novas perspectivas sobre identidade, gênero, sexualidade e moda podem ser compreendidas através das mais distintas operações sociais, e essa conjuntura, permite-nos entender os processos onde os corpos sexualmente identificados ganham significados quando se estabelece relação com a cultura na qual participam. Seguindo essa linha de raciocínio, Rosaldo (1995) define que, o gênero deve ser compreendido em termos políticos e sociais responsáveis por organizar e reproduzir os significados aos agrupamentos humanos.

Seguindo essa linha de raciocínio, Lima (2011), fala que os papéis do homem/masculino e da mulher/feminino constroem significados sociais geralmente associados ao sexo, em diferentes sociedades ao longo da história. Embora geralmente associados ao sexo como abordado por Lima, as identidades de gênero pressupõem que o gênero não é determinado pelo sexo, mas sim por meio da subjetiva com os produtos do gênero representado pelo ‘universo’ masculino e feminino (CARNEIRO, 2019, p. 348).

A vestimenta quando associada aos padrões acima citados, Gilda de Mello e Souza (1987), pontua o antagonismo entre homens e mulheres, gerando, inclusive, representações imagéticas de



formatos corporais diferentes. Dessa forma, a moda quando inserida nesse processo, vemos que “as roupas podem ser vistas como um vasto reservatório significados, possíveis de ser manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência” (CRANE, 2013, pág.22).


Esse diálogo permite que levemos em consideração a binaridade de gênero vigente a partir da vestimenta, é expressa por Butler (2015), e se dá pela permissividade, exatamente porque esta constitui um dos padrões de comportamento reconhecíveis na marcação de gênero nos corpos. Esse reconhecimento é mediado por códigos culturais que se organizam em torno de uma “matriz de inteligibilidade de gênero”, regulada pelos discursos de poder (BUTLER, 2015).

As relações de poderes que se firmam, geram a problemática de identidade e sexualidade com a moda, isso é compreendida por Barthes (1979) que considera a moda como um sistema relativamente fechado, semanticamente perfeito e amplamente naturalizado pelas pessoas. Seguindo esse ponto de vista, a identidade de gênero se comunica pela moda utilizando-se da naturalização da binaridade de gêneros, mais especificamente das práticas culturais que Gilberto Freire (1987) classificou como “modos de homem” e “modas de mulher”.

Diante desse enfoque, é importante pontuar que a moda tem papel de debater, questionar e colocar em prática ações que vão em confronto com esse posicionamento binário a partir da roupa, já que Crane afirma que a roupa se tornou o principal objeto de expressão identitária. Assim, quando falamos de identidade, falamos de pluralidade e é dessa forma que o indivíduo constrói um senso de identidade pessoal ou cria “narrativas próprias” que contenham sua compreensão do próprio passado, presente e futuro” (CRANE, 2013, pág.37).

3 Performatividade drag

Quando falamos de performatividade *drag* levamos em consideração o entendimento de corpo, isso é discorrido por Santos (2014, p.4) em que o corpo *drag queen* não se limita a um corpo feminino ou masculino, bem como não se enquadra nas definições de gênero, sexo ou sexualidade, mas sim dialoga entre os gêneros (VANDERLEY E REIS FILHO, 2017, p.11). Assim, mesmo montados, com uma aparência que remete ao feminino, suas características masculinas não desaparecem, brincando nesta fluidez e estranheza que a arte *drag* permite.




Existem três tipos de modalidade na montagem de uma *drag queen*, sendo descritas no trabalho de Gadelha (2008, p.3). A primeira delas é a amapô, sua construção é a de um corpo grotesco, que predomina características femininas, com um humor ácido, deboche e ostentação de objetos luxuosos. A segunda é a caricata, nela a montagem lembra a figura feminina de um palhaço, com um humor mais descontraído. A terceira e última é a andrógina, que mistura vários símbolos possíveis, transbordando o surrealismo estético.

As categorias que são criadas a partir do ser drag, fazem refletirmos o papel da roupa, em que para Lopes (2021, p.4) o vestir-se “feminino” deve ser visto acima do levar entretenimento, é também uma maneira de aceitação. Além de ser um ato político, que busca levar a arte drag para lugares que antes não seriam aceitas, como a televisão. Dessa maneira, Gosciola (2004, p.2) fala que as “novas tecnologias de comunicação e de informação, ou novas mídias, abriram-se também para as possibilidades de contar histórias”, isso contribui para a divulgação da arte *drag*, já que para Wolk (2001, p.126) afirma que contar narrativa e história em multimídia é diferente de tudo aquilo que se edita nas mídias tradicionais, porque a história é construída de diversas maneiras e considera diferentes pontos de vista.

4 A arte drag e figurino em “A Queda” de Gloria Groove

A imagem criada a partir do corpo transvestido é essencial para construção do ser drag. É a partir dessa imagem que todas as habilidades que escapam do visual, como o repertório gestual e oral, serão criadas a fim de dar vida a esta nova persona feminina-masculina. Louro (2004, p.13) entende que ao se constituírem as *drags*, os indivíduos passam por processos de metamorfoses, buscando um “outro” não acessível, senão por meio de sua montaria. A esta, refere-se ao ato da construção do personagem feminino a partir da roupa, visto que as roupas produzem padrões e delimitam os conceitos de masculinidade e feminilidade.

Assim, os conceitos de masculinidade e feminilidade seriam então montados a partir de padrões sociais e culturais sobre as normas e vestimentas para homens e para mulheres. É nesta ambivalência entre gêneros que o corpo *drag* é introduzido, sendo uma quimera capaz de estar no limiar entre o masculino e feminino, em um jogo de composição de gêneros que questiona a composição da identidade e apropria-se das roupas para tal.



A roupa permite que o indivíduo, apropriando-se da linguagem do vestuário, se constitua como um ser social e cultural, Barnard (2003, p.57) complementa tal pensamento ao afirmar que a moda, o traje e a indumentária são consideradas formas de comunicação. Por mais, o traje cênico, ou figurino, apresenta-se como essa linguagem não verbal capaz de contribuir para construção de uma persona, todavia diferentemente das roupas, o figurino não está preso a convenções sociais, nem a censura do ambiente em que está inserida. Apreende-se que os figurinos, simbolicamente, tornam-se uma fração dos personagens. O figurino tem a função de caracterizar o personagem, revelando seus traços psicológicos, físico, estilo, preferências individuais ou meio social, sendo assim, um elemento capaz de nortear o espectador sobre o personagem visto (PAVIS, 2011, p.164). O figurino dentro da performance drag complementa a persona formada, sendo um gerador de poder subvertente e transformador do status quo, o que situa a drag neste lugar de arte que inquieta e inflama discussões à sua volta. Desta forma, a roupa e o figurino embora divergam em certos pontos, ainda sim são ferramentas pelas quais a ordem social é experimentada, explorada, comunicada e reproduzida” (BARNARD, 2003, p. 63). Além, dentro da linguagem do vestuário, diferentes códigos existem ao mesmo tempo, o que os difere é o espaço em que estão inseridos.

Em “A Queda”, segundo single do álbum Lady Leste de Daniel Garcia, conhecido artisticamente por sua drag, Gloria Groove (GG), são apresentados diferentes personagens durante o clipe a fim de contribuir para o conceito do mesmo. A música levanta questionamentos a respeito da cultura do cancelamento, além de estabelecer simbolicamente conexões sobre como as pessoas esperam que a vida pessoal de artistas seja um grande espetáculo para ser acompanhado. Sob uma temática de terror, a estética visual de “A Queda” traz um circo dos horrores como tema principal, bem como os personagens que fazem parte deste circo macabro. O primeiro personagem a ser apresentado é o “Cabaretier”, ou mestre de cerimônias, responsável por anunciar as atrações do circo e ser o grande mestre que vai reger o espetáculo. Seu figurino, em preto e vermelho predominantemente, inspira-se na vestimenta masculina do Período Regencial Inglês, apresentando a cartola, o sobretudo e o cravat como elementos principais. Além disso, contribuindo para o conceito de terror, sua maquiagem bem como suas expressões fogem das comumente usadas por Gloria Groove, apresentando um tom mais macabro e sádico para esta persona.




Figura 1: A esquerda o “Mestre de cerimônias” e a direita a” Estrela do show”



Fonte: Reprodução própria

A personagem seguinte é a “Estrela do show” que será exposta, em contraste com a paleta de cor do cabaretier, sua paleta foge para o branco e vermelho, evocando uma sensação de pureza. No primeiro momento a persona, em sua roupa faz referência ao filme “Noiva Cadáver” de Tim Burton e logo após ser “exposta” apresenta um figurino mais sensual, com um *corset* e cinta-liga.

A terceira personagem, representa o fruto dessa cultura de cancelamento, residindo no esgoto do submundo do universo do picadeiro. Nesta personagem, Gloria Groove remete a estética que compõe sua drag naturalmente, apresentando um figurino forte e sensual.

Por fim, o quarto e último personagem, é o “Bufão” do circo que está sendo manipulado pelo “Cabaretier”, a origem do bufão remonta a monarquia e sua função era de entreter ao rei e à rainha. Seu figurino é composto de um chapéu de foles e um macacão com estampa em losangos em preto e branco, a peça faz referência a personagens presentes na peça de *Commedia dell'arte*, com as referências na peça ao Arlequim e para maquiagem o Pierrot.

Figura 2: A esquerda o “Fruto do Cancelamento” e a direita a” Bufão”




Fonte: Reprodução própria

Considerações Finais

As *drag queens*, bem como as transformistas, passam por processos de “montação” e “desmontação”. É, contudo, a partir da forma de como os signos masculinos e femininos são absorvidos e performatizados nesses corpos que tais montações se diferem uma das outras. Ao analisarmos os quatro personagens, o Mestre de cerimônia, a Estrela do show, o Fruto do cancelamento e o Bufão, personificadas por Gloria Groove em “A queda” torna-se o nítido o processo de metamorfose que este corpo passa a partir de intervenções simbólicas e físicas, que resulta em personagens singulares.

Assim, entendendo o processo de performismo, compreendemos a importância da moda dentro da construção do *drag* e das múltiplas identidades que este corpo pode ser moldado, o qual muitas vezes não é encaixado nem dentro do que é naturalizado como um corpo feminino, nem como um corpo masculino ou até mesmo um corpo humano, brincando por assim, com o lúdico.

Referências

- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BUTLER, Judith. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CRANE, D. **Moda, identidade e mudança social**. In: Crane, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2006.
- GADELHA, José Juliano B.. **Performance e etnoestética: a montagem como ritual ou como nasce uma drag-queen**. In: FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. Anais [...] . Florianópolis: Ufsc, 2008. p. 1-7.
- LOPES, Mirella de Almeida Nogueira. **DRAG QUEENS: a mimetização do feminino sob o olhar de identidades e representações**. In: COMUNICON, 8., 2021, Rio Grande do Sul. Anais [...] . Rio Grande do Sul: Espm, 2021. p. 1-12.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MOTA, Dolores; AGUIAR, Rita Claudia. **Vestindo roupa e criando gêneros: A roupa na construção do masculino e do feminino entre adolescentes**, 2008
- PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: 2011
- RUTH, Sabath. **Pedagogia cultural, gênero e sexualidade**, 2001.
- SANTOS, Cristiane Caetano dos. **O ser drag e viver drag queen: estereótipos e configuração do artista performático em Maceió**. In: REDOR, 18., 2014, Recife. Anais [...] . Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014. p. 1415-1423.
- SANTOS, R. M. dos. **Atualizações do diálogo entre a Teoria Queer e a educação**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 6, n. 3, p. 69-78, jul./set. 2011.
- SOUZA, G. M. **O Espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- 

VANDERLEY, Luciano; Reis Filho, Osmar. **Performatividade, Corpo e Gênero: Drag Queen**. Revista da Academia Brasileira de Psicólogos Escritores: Psicologias em Reflexão, Fortaleza: Premium, p. 173-192, 2017. ISSN 2527-1172.

WOLK, Roland. **Introduction to Online Journalism: Publishing News and Information**. Nova York: Allyn & Bacon, 2001.

